

Cid Gomes
Governador do Ceará

O retrato de um engenheiro da política entre pausas e respostas sibilantes

Não foi uma entrevista fácil. Depois de negociações com assessores, tentativas frustradas de entrevistar familiares e viagem a Sobral, conseguimos, enfim, chegar ao gabinete de Cid Ferreira Gomes.

Na sala de espera, dez estudantes de Jornalismo se aglomeravam, enquanto aguardavam a "audiência" com o governador. O lugar era confortável, bem decorado e tão protegido que parecíamos isolados do mundo. Idéia falsa. Fortaleza àquela hora pulsava e ali próximo da gente Cid tinha de obedecer à inflexível agenda de governador do Estado do Ceará.

A segunda-feira já tinha virado noite quando foi anunciado que o governador nos esperava. Visivelmente cansado, Cid recebeu-nos com meio sorriso estampado nos lábios e com um aperto de mão.

No alto dos dez meses de governo, nosso entrevistado aparenta ser uma pessoa simples, educada e ponderada. As rugas do rosto e a calvície são traços da difícil rotina de um governante.

Aos quarenta e quatro anos de idade, Cid não consegue separar o trabalho da vida pessoal. O gabinete quase residência é o lugar onde ele tem mais vivido atualmente. O governador é um homem que faz da política um *hobbie*, do trabalho uma paixão. Tudo com muita racionalidade e disciplina, ao bom estilo dele.

Com uma paixão segura de quem conhece bem o objeto amado, é assim que ele fala de política. Os olhos brilham e as mãos cadenciam a voz calma de palavras meticulosamente pronunciadas quando o assunto é a arte de governar.

O terceiro filho, na ordem de nascimento, do clã dos Ferreira Gomes, traz na veia a vocação política. De Sobral, cidade natal, herdou, além do sotaque, o trato com o poder público. O pai, José Euclides Ferreira Gomes Júnior, ganhou a prefeitura da árida Sobral em 1975. Durante a campanha do patriarca, o jovem Cid deu os primeiros passos nos caminhos tortuosos do poder.

Desde criança, já sabia o que queria. A sensibilidade e a sensatez apreendida da mãe, Maria José Santos Ferreira Gomes, indicavam ao jovem ambicioso que na política é preciso passos lentos e bem trabalhados. Adolescente, Cid quis novos desafios e veio estudar em Fortaleza. A vida agitada da cidade grande era bem diferente das rotinas do interior. Aqui, cursou Engenharia Civil só por "auto-afirmação". Para não se afastar da vocação política, foi dirigente do centro acadêmico da faculdade.

Enquanto ainda militava no movimento estudantil, o irmão Ciro Gomes já era deputado estadual. Ciro, maior ídolo de Cid, foi o responsável por abrir os caminhos da política para os familiares, um "desbravador". Os dois irmãos admirados no Ceará afinam em quase tudo quando o assunto são as relações partidárias e as plataformas ideológicas. A relação de lealdade e respeito com Ciro, que também já foi governador do Estado, é tão grande que o jovem líder admite deixar a política se algum dia os dois forem impedidos de permanecer no mesmo partido.

Quanto ao estilo de governar, os irmãos têm algumas diferenças. Ciro é mais incisivo e expressivo, Cid é sereno e aberto ao diálogo. Para compensar os talentos que não herdou do tutor, o governador age na linha da conversa e da disciplina, provocando a admiração dos eleitores e o respeito dos opositoristas.

Como um diplomata, Cid consegue governar, desde os tempos da prefeitura de Sobral, afinando vozes de diferentes partidos numa conduta socialista, segundo ele, aberta à conversa.

A fala articulada do homem acostumado com a vida pública contrasta com o jeito tímido das palavras pronunciadas. Cid sabe que é avaliado o tempo todo e no jogo da política vale quase tudo. As batidinhas que dava com as pontas dos dedos na mesa de reunião e os dois cigarros acesos simbolizavam a tentativa de relaxamento do entrevistado.

As respostas, um tanto quanto lacônicas e sibilantes, foram dando espaço para a imagem de um líder bem-humorado e atencioso. Em poucos minutos, o homem acostumado a discursos improvisados em comícios ficou à vontade. Sorrisos foram arrancados quando falou da relação com os filhos, da fama de "Don Juan", dos tempos do futebol na faculdade – "ele jogava pouco e ruim" – e de como conquistou a primeira-dama do Estado, Maria Célia.

Nas páginas seguintes, vamos nos deparar com a trajetória resumida de um político nato. Cid Ferreira Gomes é um engenheiro que vem construindo uma sólida carreira pública. Em cada pausa dada, vemos o retrato de um homem energeticamente voltado para o comando, seja como líder de turma, diretor de grêmio estudantil ou governador do Estado. Para alguém que encara o trabalho como vida, o sonho maior é o sucesso de um bom governo. Que a vida seja plena então!

Equipe de Produção:

Ítalo Coriolano

José Anchieta

Rafaella Parente

Entrevistadores:

Aline Ayala

Carol Borralho

George Facundo

Isabelle Bento

Ítalo Coriolano

José Anchieta

Julianna Sampaio

Rafael Ayala

Rafaella Parente

Texto de abertura:

Julianna Sampaio

Fotografia:

Arquivo do Governo do Estado do Ceará

Entrevista com Cid Gomes, no dia 12/11/07.

Ítalo – Governador Cid Gomes, há duas semanas nós estivemos em Sobral, fazendo a produção desta entrevista, conversando com os moradores. E a gente sentiu uma grande admiração da população sobralense por sua figura, certo? Alguns chegaram a afirmar que a história de Sobral se resume a antes e depois da administração de Cid Gomes (*risos de Cid*). Cid Gomes significa muito para Sobral e Sobral o que significa para Cid Gomes?

Cid Gomes – Você conhece aquele filme *E o vento levou* (filme clássico de 1939 que ganhou oito Oscars)? É muito antigo, não é do seu tempo não, mas, enfim, deve ter em locadoras aí. Tinha uma personagem do filme que se chamava Scarlett O'Hara (protagonista), que enfrentou muitas dificuldades na vida, e quando ela tava no auge das dificuldades, voltava para a Tara (grande plantação de algodão do norte da Geórgia) que... Era a tara dela, onde recuperava as forças. Bom, Sobral, em resumo, é mais ou menos isso pra mim. É um ponto de partida, uma âncora, uma segurança e um estímulo a minha vida pública.

Anchieta – As pessoas mais próximas ao senhor, com quem a gente conversou, dizem que o senhor tinha uma relação muito boa com os seus pais, né? Com quem o senhor se identifica ou se identificava mais: com a sua mãe, que várias pessoas dizem ter um temperamento mais parecido com o seu, e parece mais na maneira de ser; ou com o pai do senhor, que teve uma veia política forte e também foi prefeito de Sobral?

Cid Gomes – Bom, eu acho que uma coisa de cada um. Papai é pra gente a referência ética, a referência moral, a referência de espírito público, de administrador. A mamãe... Papai já morreu, morreu um mês antes de ser homologada a minha candidatura a prefeito de Sobral, um mês não, três dias antes (*José Euclides Ferreira Gomes morreu no ano de 1996*). E, da minha mãe, acho que a gente herdou a sensibilidade, o gosto pelas artes e tal. Então, eu acho que é isso aí: uma parte de cada um.

Rafaella – O senhor acabou de mencionar a morte de seu pai. E a gente sabe que a vida de um político é cheia de entraves, cheia de complicações, agenda apertada, né? E em muitos momentos, a profissão impõe que sejam superadas essas dificuldades

rapidamente. Então, como é que foi para o senhor lidar com a morte de seu pai, nesse momento, em que você estava prestes a se candidatar à prefeitura.

Cid Gomes – Ah, eu tenho assim uma relação muito tranqüila em relação à morte. Eu considero como uma etapa. Muita gente se ancora em religião, atrás de uma segunda vida, de uma reencarnação. Enfim, eu sou uma pessoa que acredita em Deus, certo? Acho que é uma força superior. Mas, em relação à vida, eu acho que a vida está na cabeça da gente, e a cabeça da gente é massa, então isso vai embora. Não tenho uma ilusão de que vou ter uma reencarnação ou vou ter uma segunda vida, não. E encaro isso com uma absoluta naturalidade.

Bom, então eu procuro viver a vida na plenitude. Eu acho que a gente só tem essa, né? Quero viver na plenitude e quero poder ser útil. Acho que o que mais posso almejar de posteridade é uma boa memória das pessoas em relação a mim e acho que isso o papai teve. Papai morreu com 78 anos e morreu uma pessoa realizada. Sempre foi uma pessoa muito respeitada e tal. Fez o que gostava. Não tenho notícia de nenhuma frustração na vida dele, e o que eu procuro é isto: viver na plenitude e buscar a imortalidade por ações minhas que possam, eventualmente, ajudar as pessoas.

Julianna – O senhor tem quatro irmãos: Ciro, Lúcio, Ivo e Lia. Desses, apenas Lúcio e Lia não seguiram a carreira política. Isso fez com que o senhor tivesse uma relação mais próxima com os outros dois?

Cid Gomes – É possível que sim, é possível que sim. A gente acaba convivendo mais, mas desde garoto que eu sempre tive uma relação maior com o Ciro. O fato de ser mais velho e tal. O Ciro sempre foi uma referência pra mim, um exemplo, sempre admirei muito... E acho que também o fato de ser os três fumantes (*risos*). Os outros dois não fumam, não estão na política e não fumam. Mas, enfim, eu acho que sim, acho que a política acaba aproximando mais, a convivência e tal, tem uma convivência maior. A minha irmã mora fora, mora em São Paulo... Acho que é por aí. Acho que a pergunta já embute a resposta.

George – Governador, a gente soube que o senhor sempre gostou muito de festa, de

Logo após a escolha do nome do governador Cid Gomes, em agosto, a equipe de produção entrou em contato com o assessor Luiz Viana. No segundo telefonema, ele afirmou que o governador se sentiu lisonjeado.

A data da entrevista não foi marcada de imediato, já que a agenda do governador, segundo Luiz Viana, só é fechada com 15 dias de antecedência. Mesmo assim, deixamos como sugestão as duas primeiras semanas de novembro.

Encontrar, em Fortaleza, familiares dispostos a conversar com a equipe de produção foi deveras complicado. A primeira tentativa foi com o irmão Lúcio, que disse que só conversaria conosco depois que falássemos com Ivo Gomes.

Em um dos telefonemas, ficamos sabendo, por intermédio de uma secretária, que a mãe de Cid evita dar entrevistas depois da publicação de uma reportagem na revista Piauí, que teria conteúdo, segundo ela, de mau gosto.

A falta de informações relativas, principalmente, à vida pessoal de Cid Gomes fez a equipe de produção se deslocar até a cidade de Sobral, mesmo sem ter a data certa da entrevista e ainda sob o risco de ela não acontecer.

Dona Mirtes, moradora de Sobral e admiradora de Cid, foi a primeira guia da equipe de produção na cidade natal do governador.



forró, de carnaval, desses momentos de alegria. Mas o senhor se considera uma pessoa tímida. A gente queria saber, afinal, se o senhor se sentia à vontade nessas festas pra dançar, para paquerar, se não se preocupava com alguma coisa, pelo fato da sua família ser uma família conhecida em Sobral?

Cid Gomes – Não, de maneira nenhuma! Eu sempre – prefeito é a principal autoridade de um município – procurei ter uma vida comum, nunca fui chegado a homenagens, a formalidades. Eu, nessa fase aqui de governo, eu estou me impondo, pessoalmente, algo que considero uma etapa do governo, uma etapa de muita austeridade. Então, tenho evitado ir a festas e tal, porque eu acho que não fica coerente. Se eu estou pregando aqui austeridade, redução de custos, redução de gastos, ao mesmo tempo, tenho que estar pessoalmente (*vivendo isso*). Então, é essa coisa. Certamente daqui a uns dias, se Deus quiser, eu vou ser mais do meu jeito pessoal. Eu gosto, realmente, gosto de me divertir... Gosto de momentos alegres.

Ítalo – Falando um pouco mais desses momentos alegres, mas dos momentos alegres do passado. Nas épocas de Carnaval, a gente ficou sabendo que o senhor costumava visitar um clube chamado "Derby Club". Não é verdade, lá em Sobral? Como é que eram esses momentos festivos?

Cid Gomes – Bom, Carnaval lá em Sobral, faz muito tempo que não há mais. Já foi um bom Carnaval, gente até de Fortaleza ia para lá e funcionava desse jeito: grupos de amizade faziam um bloco de Carnaval e vestiam uma mesma fantasia. Compunham uma música e compravam bebida coletivamente e bebiam coletivamente de graça, né? De graça depois de pagar uma taxa, boca livre (*batendo os dedos na mesa*). Então, imagina aí (*risos*) a farra! Mas isso faz muito tempo, muito tempo... Faz muito tempo que não tem mais Carnaval em Sobral. Eu não me lembro da última vez que fui a um Carnaval. E me lembro. Há uns cinco anos atrás, depois de uns 10, 12 ou 15 anos sem ir a um Carnaval, eu resolvi em um só conhecer o Carnaval de Olinda, Recife, Salvador e Rio de Janeiro e pronto!

Foram dois dias de intenso trabalho e muito sofrimento causado pelo extremo calor da cidade. Nas andanças sob o sol escaldante, Anchieta suave, Ítalo reclamava e Rafaella temia o risco de sermos assaltados.

Aliás, isso quase aconteceu, não fosse a atenção do nosso amigo Anchieta. Sebo nas canelas!

Hoje, exceto essa vez, nos últimos 20 anos, Carnaval pra mim é momento de descansar.

Rafael – Governador, o senhor acabou de falar que gostava de viver na plenitude da vida. Não é isso? Procurava viver a plenitude da vida. A equipe de produção esteve em Sobral e ficou sabendo da sua fama de conquistador por lá, que era do tempo da adolescência...

Cid Gomes – (*risos*)... Nem tanto...

Rafael Ayala – ... Esse negócio de ser filho do prefeito, garoto que estudava na capital, ajudava a conquistar as garotas?

Cid Gomes – É, o papai foi prefeito até 82, eu tinha aí 19 anos e tal. E eu acho que a minha fase assim, mais Don Juan, foi bem, bem posterior a isso. O homem tem três fases na vida, né? Bem isso é coisa, é uma piada meio proibida (*risos*). Eu vou substituir a palavra. Tem uma primeira fase que ele tem tempo, tem disposição, mas não tem dinheiro (*risos*). Então essa fase aí era a minha, a minha até a época em que o papai era prefeito. Depois ele (*o homem*) tem dinheiro, tem disposição, mas não tem tempo, começa a trabalhar e tal. E aí tem a terceira fase, já bem adulta, em que ele tem dinheiro, tem tempo – porque já é aposentado –, mas não tem mais disposição (*risos*). Então acho que a minha melhor fase foi a segunda, que eu sempre acabava arrumando um tempinho aí (*bate os dedos na mesa*).

Aline – Governador, falando de juventude, vou falar um pouquinho do casamento. A sua primeira esposa é carioca, tinha algumas dificuldades de estar freqüentemente contigo lá em Sobral. Isso teria sido um dos motivos pro final do casamento?

Cid Gomes – É possível que sim. É possível, é provável que sim! A Andréa era, quer dizer, é carioca de nascimento, mas os pais são cearenses. E, quando eu a conheci, ela já morava aqui no Ceará. A rigor eu conheci no Rio (*de Janeiro*), mas ela estava lá passeando, foi uma coincidência. Ela já morava aqui, foi lá para um evento, que eu fui também. Ela tinha um trabalho aqui em Fortaleza, e nunca se dispôs a ir morar lá em Sobral. Com a distância acaba existindo menos cumplicidade, né? Pode ser, pode ter sido um dos fatores.

Caroline Boralho – A sua atual esposa, dona Maria Célia, é da região do Cariri, lugar em que o senhor era pouco conhecido politicamente. A união ajudou na eleição para o Governo do Estado?

Cid Gomes – (*riso contrariado, seguido de pigarro*) Não sei, não sei. Pode até ter ajudado, mas sinceramente (*rindo*) não foi essa, não foi essa a intenção, não. Eu conheci a Maria Célia lá em Juazeiro. Já fui presidente do partido (*Partido Popular Socialista*), e andei muito o Ceará, depois de ser prefeito. Aliás, até acho que um período ainda - o último ano como

prefeito -, eu já estava como presidente do partido e procurei andar o Ceará todo, formando diretórios do partido na época. E conheci, quer dizer (*batendo na mesa*), vi a primeira vez (*Maria Célia*) numa reunião de formação do diretório lá em Juazeiro do Norte. E vi, gostei, ela não me notou, pelo menos imagino que não tenha notado. Bom, aí fiquei curioso, perguntei quem era, a mãe dela era dirigente da Apae (*Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais*).

Uma amiga minha de Sobral, coincidentemente na mesma época ou dias depois, tava indo a Juazeiro e trabalhava na Apae. Aí eu perguntei, disse para ela: "Arranja o telefone lá de uma pessoa assim, assim assado e tal". Ela arranjou e eu guardei o telefone e fiquei.

Teve um outro evento, sei lá, três, quatro meses depois, lá em Juazeiro, na Câmara Municipal de Juazeiro. E eu estava na mesa da Câmara e ela estava assim na bancada, sentada na minha frente, talvez essa mesma distância que eu estou aqui de ti. Aí eu peguei, bom, pensei fazer, o coração acelerou, fiquei na dúvida... Não, eu vou fazer! Aí eu peguei o telefone celular e liguei assim, ela aqui, aí eu peguei e liguei o telefone. Bom, eu nunca tinha falado para ela, aí ela atendeu o telefone: "Quem é?" Aí eu disse assim - porque ela tava olhando pro outro lado - "Olha para tua esquerda". Ela olhou, aí estava eu com o telefone (*risos*), todo errado, mas, enfim, essas coisas a gente tem que... Tem uma hora em que você tem que forçar. Aí pronto, eu comecei a falar com ela pelo telefone. Acabamos casando. Não sei. Pode ter ajudado, pode ter ajudado.

Rafaella - Governador, esses dois casamentos lhe renderam dois filhos. Um é o Rodrigo, do primeiro casamento, e o outro é o Matheus, que ainda é bebê. Com essa agenda apertada, apressada, como é que o senhor consegue estar presente na vida dos dois?

Cid Gomes - Bom, o Rodrigo mora com a Andréa. E uma vez por semana ele vem aqui almoçar comigo. De 15 em 15 dias, ele passa um final de semana comigo e a gente se fala, às vezes, pelo telefone. O Matheus,

naturalmente, está em casa, e eu estava hoje dizendo pra uma pessoa que tem sido, na atualidade, os únicos momentos de relax total pra mim. Ele (*Matheus*) está começando a interagir, rir, prestar atenção.

Isabelle - Governador, o senhor vai me permitir, enfim, ler aqui uma citação sua, que foi de março (*revista Piauí*). "Montei na faculdade uma revendedora de medicamentos com uma colega, comprei uma Parati, e logo descobri que meu negócio é política". Foi ainda no curso de Engenharia (*Civil*) que o senhor decidiu pela política em detrimento da Engenharia?

Cid Gomes - Foi muito antes. Foi muito antes. Desde garoto a minha vocação já era para a vida pública. Estudante do Ginásio na época - que equivale hoje às séries terminais do Ensino Fundamental -, eu concorri ao grêmio. Na faculdade, eu concorri e fui presidente do centro acadêmico. Então, essa decisão de, ou o desejo de ingressar na vida pública, acho que é uma vocação desde 14. Uma decisão, um desejo desde 13, 14 anos de idade.

Isabelle - E por que a Engenharia e não as Ciências Sociais, por exemplo?

Cid Gomes - Pois é, é uma coisa meio... Posso confessar?

Todos - Pode (*risos*).

Cid Gomes - Foi uma auto-afirmação. Eu fazia terceiro ano, fiz um teste vocacional, deu habilidade - segundo o teste, não acredito que tenha não - mas o teste deu habilidade do penico à bomba atômica...

Todos - Risos.

Cid Gomes - ... E, enfim, eu procurei o curso mais difícil e fiz. Sinceramente foi isso (*risos*).

Anchieta - Governador, foi nesse tempo que o senhor veio morar aqui em Fortaleza, né?

Cid Gomes - Bom, teve. Teve uma passagem com o meu pai. Papai era prefeito e vinha aqui toda terça-feira. Despachava aí nas secretarias (*estaduais*). A gente morava numa república de estudantes ali na (*rua*) Padre Valdevino com (*rua*) Jota da Penha. Então, passou lá e costumava fazer isso: meio-dia

Por coincidência, durante nossa visita estava acontecendo em Sobral atividades do "Governo Itinerante". Na ocasião, pudemos presenciar uma entrevista coletiva de mais de uma hora, sendo em seguida apresentados ao governador.

De volta a Fortaleza, a janela do ônibus quebrou. Os passageiros diziam: "Foi uma pedra". A pedra não foi achada, mas se sentiu um cheiro de pólvora.



Em Fortaleza, já no processo de sistematização das informações, não tínhamos data marcada para a entrevista. O desespero já tomava conta da equipe de produção. As negociações para fechar a data eram agora feitas com outro assessor: Valdir Fernandes.

Após diversas tentativas, conseguimos falar com Valdir e marcar a data da entrevista: 12 de novembro. Mas uma notícia iria nos deixar ainda mais transtornados: a entrevista teria no máximo 40 minutos.

A situação foi discutida em sala de aula e, após conversa entre o professor Ronaldo Salgado e o assessor Luiz Viana, decidimos que a entrevista iria acontecer. Animamo-nos um pouco mais quando Luiz Viana disse que seria uma hora de entrevista.

Sem outras datas para encontros, tivemos de fazer a reunião de pauta quatro horas antes de a entrevista ser realizada. Estava marcada para as 17 horas do dia 12 de novembro, no Palácio Iracema.

pegava a gente, os filhos, moravam três filhos lá, aliás, moravam dois. No ano que eu cheguei o Ciro voltou para Sobral. Morava o Lúcio e eu. E, às vezes, o Ciro vinha com ele. Então, ele pegava os filhos, os que estavam, e levava para uma pizzaria ali na Volta da Jurema, no tempo da Volta da Jurema, ainda na Beira-Mar. Chamava-se Sorriento, a pizzaria. Aí comprava sempre a mesma pizza, pedia sempre a mesma pizza, e aí perguntou: "Já decidiu o que é que vai fazer e tal?" Aí eu disse assim: "Não sei. Eu tava pensando em fazer Direito". Aí ele disse: "É, cuidado!". Papai era muito econômico em palavras e tal, muito sisudo. "É, cuidado! Direito tem que ter muita vocação!". E eu tomei aquilo como um desestímulo, né? Tipo ele achando que eu não teria capacidade de fazer. Mas depois percebi que não era. Era o jeito dele, e ele queria só testar se a minha decisão era uma decisão para valer mesmo.

Então foi isso. Juntou isso com essa coisa de adolescente, querendo ser o tal, e aí escolhi os dois cursos mais difíceis, né? Na época os dois cursos... Na UFC (*Universidade Federal do Ceará*) era Engenharia – nesse tempo ainda era – e na Uece (*Universidade Estadual do Ceará*) era Administração de Empresas. Aí fiz os dois.

Anchieta – O senhor morava em Sobral, morava com os pais, aí veio morar em uma república com o irmão, né? Como foi para o senhor sair de Sobral, que o senhor diz que é sua tara, e vim para cá, ficar longe da sua família, da cidade...?

Cid Gomes – Não, aí tudo o que eu queria era isso. Tanto é que eu forcei a barra. Forcei a barra. O normal, lá, era as pessoas virem fazer o terceiro ano aqui. O meu irmão mais velho (*Ciro*) e o segundo (*Lúcio*) vieram no terceiro ano. Eu forcei a barra para ver se vinha logo. E aí, adolescente, tudo que eu queria era a cidade grande, né? Queria era a cidade

"Na vida pública, tem que ter muita disciplina, tem que ter muita disposição, privação. Então, certamente, só se deve estar na vida pública por vocação, por espírito público."

A caminho da entrevista, a equipe de produção, Aline e George passaram por momentos de tensão. A Hébelly estava conduzindo um carro com problemas no freio.

Para a entrevista com Cid Gomes, todos estavam bem arrumados, principalmente o George: blusa de manga longa dobrada, calça e sapatos sociais.

grande, tava querendo novos desafios e tal. Forcei e consegui vir já no segundo ano.

Rafaella – E Governador, quais foram esses novos desafios que o senhor encontrou na cidade grande?

Cid Gomes – Bom, a cidade grande é muito mais divertida, né? Tem muito mais opções, tem muito mais meninas, tem muito mais tudo. E tudo é novo! Sua cidade, uma cidade pequena, tudo é do mesmo, tudo é acanhado, tudo é pouco. Então é muito isso: juventude, desejo de desafios. Uma cidade tinha 90 mil habitantes, a outra tinha 1 milhão e meio de habitantes, ou 1 milhão, sei lá, de habitantes na época. Então é... é um...

Ítalo – Governador, agora uma curiosidade dos tempos de faculdade. A gente andou conversando com um amigo seu, o Portinho...

Cid Gomes – ... José Augusto Fiúza Porto...

Ítalo – ... Esse mesmo. E ele nos contou que nos tempo de faculdade, em uma final de campeonato, eu acho que no sétimo semestre do curso de Engenharia, o senhor acabou sendo escalado para jogar.

Cid Gomes – Risos.

Ítalo – Só que, geralmente, o senhor ficava na reserva, pois jogava, nas palavras dele...

Ítalo e Cid Gomes – ... Pouco e ruim...

Todos – Risos.

Ítalo – E para a surpresa de todos, quando o senhor entrou, acabou fazendo o gol da vitória do time. Como é que foi essa história?

Cid Gomes – Pois é, acontece! (*risos*)

Todos – Risos...

Cid Gomes – Acontece. Eu jogo pouco e ruim, sempre joguei, tanto é que já havia decidido – isso aí foi muito mais porque os amigos jogavam futebol – já havia decidido que futebol não era a minha praia. Me esforçava... Eu sempre tive péssima coordenação motora. Péssima! Nas pernas e também nos braços. E vôlei acho que exige menos. Então, o vôlei sempre foi o meu esporte predileto. E o futebol era porque era o esporte dos amigos todos. E aí aconteceu. Foi um acaso, eu estava na hora certa, no lugar certo, e a bola bateu em mim, com certeza!

Todos – Risos.

Ítalo – E a vida política também precisa disso, né? De estar na hora certa, no lugar...

Cid Gomes – Tem muito também. Mas certamente... Se for arriscar entrar nela só pensando nisso não se dará bem. Na vida pública tem que ter muita disciplina, tem que ter muita disposição, privação. Então, certamente, só se deve estar na vida pública por vocação, por espírito público. Quem está para se arrumar eu não...

Julianna – O senhor falou que foi dirigente do centro acadêmico, né? Na época da

graduação. Qual a importância dessa experiência para sua vida política?

Cid Gomes – (alguns segundos de silêncio) Essa coisa é meio, é meio natural, né? Se você tem vocação, como eu tinha e queria ingressar na vida pública, eu achava que eu tinha que fazer isso em todas as oportunidades. Então, tinha que procurar ser o líder da turma. Tinha que procurar ser o presidente do grêmio, procurar ser o presidente do Centro acadêmico. É isso, você busca o local de comando. O local de realização, o local de visibilidade.

Ítalo – Houve alguma resistência por parte dos outros militantes pelo fato de o senhor ser o filho do prefeito e as pessoas pensarem: “Ah! Tá querendo usar o C.A como trampolim para uma carreira política”. Existiu essa resistência?

Cid Gomes – Bom, acho, acredito que sim, acredito que sim. Eu entrei primeiro em uma chapa, e entrei meio que forçando a barra. Fui para uma reunião, na decisão da primeira diretoria do centro acadêmico. E nessa reunião, na decisão, eu fiquei excluído, né? Eu não ia. Eu era de uma turma mais nova e tal, e fiquei fora da decisão. Depois houve uma repescagem – acho que alguém desistiu – acabaram me chamando e eu fui diretor cultural. E, aí bom! Como eu sou disciplinado – eu quase nem entrava na primeira chapa – já na segunda eu fui o presidente. Essas coisas você persegue. Aí você tem que ter dedicação, né? Estou te falando, não basta estar só... Talvez nessa primeira eu estava na hora certa, na repescagem, né? Na hora certa, no lugar certo. Mas na seqüência não. Aí é disciplina, é dedicação, é realmente fazer disso a sua prioridade. Certo? E eu imagino que deva ter tido resistência, mas fui candidato único. Então, se alguém pensava, não teve a oportunidade ou a campanha não permitiu que isso fosse colocado. Mas eu imaginava que alguém colocasse. O meu irmão eu acho que já era deputado estadual, o Ciro já era deputado estadual na época. Então, não faltava quem achasse que eu estava ali querendo aparelhar. Eu sempre, no movimento estudantil, critiquei aparelhamento de entidade. Sempre critiquei! O Ciro não ia servir para coisa nenhuma, né? Com certeza não ia servir, nem serviu para coisa nenhuma.

Mas, certamente, muitos partidos políticos fazem de instâncias acadêmicas espaços de aparelhismo e tal, pra formação de militância, etc. Eu não sei se isso é errado, não. Mas eu acho que o que tem que ser priorizado, em uma diretoria de Centro Acadêmico, não é o partido político que o membro é filiado, mas os interesses do curso, os interesses dos estudantes. Eu sempre tive

uma posição muito... E isso era considerado reacionário! Então muita gente me chamava de reacionário. Mas, enfim, hoje, já são trinta anos, né? Sei lá, 25 anos depois, mas eu continuo pensando do mesmo jeito. Acho que não é certo você não colocar como principal prioridade de um Diretório Central de Estudantes ou de um Centro Acadêmico, os interesses do curso, os interesses da universidade, os interesses da academia. Pode achar isso reacionário, mas eu vou morrer achando que essa deve ser...

Caroline Borralho – Governador, agora mesmo o senhor colocou que tem uma identificação forte com o seu irmão Ciro, né? Mas em outros momentos o senhor falou que diverge dele em alguns aspectos políticos. Que divergências são essas?

Cid Gomes – Não, não é que eu divirja. Eu tenho absoluta afinidade com os pensamentos ideológicos. Tanto é que, às vezes, eu passo de um mês sem falar com o Ciro, né? Mas quando eu sento (com ele): “Olha, aquilo ali, aquele negócio eu fiz assim, e...”, ou ele diz uma coisa e tal. É impressionante como a gente afina. E isso é absolutamente natural, porque a gente é filho do mesmo pai, da mesma mãe, criado sob os mesmos princípios éticos, morais. Então isso é absolutamente normal. Não é que a gente tenha telepatia, não. Agora, o Ciro abriu caminhos na política, né? E é natural que quem cumpre esse papel de desbravar, acabe tendo que se indispor com mais gente. Acaba necessitando ter um estilo mais incisivo, mais duro, acaba entrando em mais polêmicas. Eu já entrei, mais ou menos, com a trilha, com a trincheira aberta, certo?

Isabelle – Será que foi mais fácil?

Cid Gomes – Sem dúvida, sem dúvida muito mais fácil. Os caminhos do Ciro foram muito mais difíceis. O Ciro entrou na política, foi candidato, embora tenha tido apoio do papai – que era prefeito, não sei o que e tal, em fim de mandato – mas não conseguiu se eleger. Ficou na segunda suplência. E a segunda eleição dele também foi uma eleição muito difícil. Eu tive muito mais facilidade. Na primeira eleição (para deputado estadual) eu fui, eu acho, o décimo mais votado. Na segunda, eu devo ter sido o quarto, quinto mais votado. Eu aumentei muito a votação, nunca tive nenhum risco, né? Que ele teve. Acabou... A primeira não foi bem sucedida. Agora, naturalmente, o Ciro tem também um talento que eu não tenho. O Ciro tem um dom de oratória que eu não tenho, certo? Então eu procuro compensar. Procuro compensar com mais disciplina, com mais abertura para ouvir as pessoas. Então, de certa forma, vai compensando aí as habilidades, que infelizmente eu não tenho.

Chegamos à sede do governo por volta das 16h10min. Nos arredores do Palácio uma cena nos chamou atenção: uma manifestação de professores e estudantes da Uece.

Esperamos pela entrevista na sala de recepção do gabinete do governador. Após alguns minutos recebemos a notícia, por intermédio de Luiz Viana, de que o governador receberia uma comissão dos manifestantes e que a nossa entrevista atrasaria.

Só não tínhamos a idéia de quanto tempo ela iria atrasar: mais de duas horas. Veio o cansaço, a fome, o sono, mas a decisão era de que iríamos esperar.

Para passar o tempo, simulamos um programa de entrevistas intitulado “Conversa de Gabinete”, onde cada entrevistador seria sabatinado. Durou até às 19 horas, momento em que Luiz Viana nos chama para adentrar a sala do governador.

Cid estava usando uma camisa azul e tinha amarrado no braço esquerdo uma fita também azul, mas escuro.

Durante a entrevista, Cid Gomes fazia muitos gestos: batia a mão na mesa, colocava as mãos no queixo, tirava e colocava a aliança, coçava a cabeça.

Ítalo – Governador, o senhor diz que os momentos de divergência são raros, mas, por exemplo...

Cid Gomes – ... Em princípios, sabe? Em princípios. Em princípios morais, éticos, em orientações. No estilo, aqui e acolá a gente bate duro, bate duro. Momentos intensos, na campanha (*para o governo do Estado*), por exemplo, estou lembrando aqui de algum. Ele queria porque queria que a gente fosse de um jeito e tal, eu disse: "Não, não vou, vou ficar nesse aqui mesmo, não sei o que, tal, e hãhã". Saiu batendo a porta. Tá, o resultado da campanha está mostrando. Não estou dizendo que eu estava certo e ele estava errado. Talvez do jeito dele também tivesse dado certo, mas enfim, repito, ele tem um talento que eu não tenho. Então, para eu procurar compensar, eu ajo mais na linha de diálogo. E ele já tem dito aí que tem amadurecido muito também.

Ítalo – Então só um exemplo do que poderia ter sido uma diferença de pensamento. Na época que o senhor dizia que desejava disputar o governo do Estado. A gente leu em um jornal (*O Povo*) que o Ciro queria apoiar a reeleição do Lúcio. Vocês chegaram a discutir isso, ou...?

Cid Gomes – ... Não, nunca houve, nunca houve. Não. O que houve aí de visão diferente foi já na primeira do Lúcio. Na primeira do Lúcio eu já tinha uma opinião de que a gente devia ter um candidato, que não ele. E o Ciro me convenceu, e eu sou disciplinado também. Eu brigo, exponho minha posição, não sei o que e tal, até o momento que... A gente tem mais ou menos que uns colegiados, né? E pronto! E pra mim é Zé Finir. Morreu o assunto, me engajo, me entreguei na campanha do Lúcio. Fiz campanha lá em Sobral como nunca fiz para ninguém, nem para mim mesmo, porque, como era uma eleição muito dura, né? E foi uma eleição muito dura, eu sofri o diabo. Coisas que eu nunca sofri, pessoalmente. Por que eu vou pra rua mesmo, vou colar adesivo. Então, eu enfrentei muita resistência. Mas a divergência foi nessa.

Na segunda, quer dizer, quando o Lúcio foi para a reeleição, que aí houve de fato a minha candidatura, não houve isso não. Não

A entrevista durou exatamente como o previsto: uma hora.

Deputado Heitor Ferrer, um dos dois opositores do governo Cid Gomes: "Tenho apreço pelo grupo político (Ferreira Gomes) por causa da conduta correta, proba, que os tem conduzido na vida pública. Nada, até o momento, desabonou nenhum desses Ferreira Gomes que estão dentro da vida pública".



houve. Eu fiquei acompanhando. Também acho que essa coisa, não é fruto... Você tem que querer muito, desejar muito, mas não é só isso que é o fator decisivo. Tem um conjunto de fatores, né, que tem de estar necessariamente presentes. Lá naquela (*eleição*), hoje, até, a gente, se eu for avaliar com ele hoje, eu acho que naquela primeira do Lúcio já poderíamos ter ganho. Não digo eu, mas uma outra candidatura. Tanto é que o Zé Airtton (*hoje deputado federal pelo PT*) quase ganhou, né? Quase ganhou, com todo o esforço, né? E se a gente não tivesse apoiado o Lúcio, por pouquinho voto que a gente - a diferença foi 3 mil - se a gente tivesse 1.600 pessoas que nos ouvissem e tal, a gente acabaria conseguindo mudar.

Mashouve uma divergência de pensamento em relação à primeira do Lúcio. Na segunda não houve não, foi construindo, foi uma coisa mais ou menos que natural. Mas ou menos natural, tudo em perfeito entendimento. Entendeu? Passei um tempo fora, nos Estados Unidos, impedido, achando os dois que tinha que ser por aí mesmo. Ficar um tempo ainda voltando, mas procurar ficar um tempo fora ainda, para não precipitar as coisas. Deixar as coisas acontecerem ao seu tempo. E foi bem afinado esse entendimento, bem afinado.

Anchieta – O senhor falou que na campanha enfrentou algumas dificuldades, né? Que dificuldades foram essas?

Cid Gomes – Foi uma campanha muito para cima. Minha campanha foi uma campanha muito legal, muito legal. Eu já fiz outras campanhas, e você tem sempre aquela coisa daqueles grupos que ficam ali querendo criar dificuldades, para lhe exigir uma facilidade. Mas na minha campanha eu não tive nenhum problema, assim em nível de coligação. Salvo a pré-definição dos partidos, e aí foi, por exemplo, uma divergência, né, que eu não vou, isso ainda é muito (*risos*), isso ainda é muito presente. Daqui a uns trinta anos eu falo. Mas eu não vou falar agora não. Está muito... Os personagens estão todos aí, né, não seria correto de minha parte falar. Mas, enfim, eu tinha uma estratégia, ele (*o Ciro*) achou que eu estava valorizando demais essa estratégia, e eu achando que ele estava desvalorizando a estratégia que eu tinha na arrumação partidária, que ele estava dando pouco valor e que eu considerava aquilo fundamental, não sei o quê e tal. Tivemos alguns, alguns rame-rame.

Então teve essa pré-campanha, que foi uma coisa tensa, e depois teve um momento na campanha quando o candidato à reeleição, né? Está parecendo que eu estou na campanha de novo, sem falar o nome do adversário (*risos*). A candidatura do Lúcio

Alcântara colocou uma história de merenda escolar (*Lúcio Alcântara, na campanha para governador em 2006, acusava que na época em que Cid Gomes era prefeito de Sobral houve desvios nas verbas para merenda escolar*), que para mim aquilo era o fim da picada. Roubar para mim já é uma agressão. E roubar de merenda escolar, né? Ou insinuar, pior. Porque não era dizer que eu, porque se ele dissesse que eu tinha roubado, eu podia processá-lo, né? Mas ele insinuava, uma coisa assim, foi engendrada mesmo para não dar margem para você ir pra uma ação na Justiça e tal. É: "OGU (*Orçamento Geral da União*) aponta irregularidades na merenda, 3 milhões", não sei o quê. A rigor, o negócio que a OGU questionou foi coisa assim de 3 mil, de 2 mil, em 10 mil compras que são feitas de merenda escolar, que eu nunca tive ingerência nenhuma (*bate as mãos*). Isso, merenda escolar, é um dos itens de despesa da Secretaria de Educação. Portanto, prefeito vai entrar? Faz centenas de licitações por mês, né? E ele insinuava isso. Então, aí também foi uma hora que, que a gente... Ele (*o Ciro*), eu até mais tranqüilo, ele querendo uma postura mais dura, não sei o que e tal. Achando que aquilo... Mas, enfim, foram os dois problemas, mas nada...

Ítalo – Governador, durante a sua trajetória política, de deputado até hoje governador, o senhor já pertenceu a diversos partidos: PSDB (*Partido da Social Democracia Brasileira*), PPS (*Partido Popular Socialista*) agora o PSB (*Partido Socialista Brasileiro*). De que essas trocas são fruto? Elas acompanham mudanças na sua visão política?

Cid Gomes – Bom, é... Vamos lá. Teve um que você não colocou aí que eu fui filiado, embora não tenha sido candidato nenhuma vez, foi o PMDB (*Partido do Movimento Democrático Brasileiro*). O PMDB. Bom, eu acompanho o Ciro, naturalmente, coisa que, pra mim, não há hipótese é de o Ciro estar num partido e eu noutro. Isso não há hipótese. No dia que ficar obrigado, ficar incompatível a nossa presença num mesmo partido, eu saio da política, só pra deixar bem claro o nível da relação. O que me incomoda nessa coisa é as pessoas acharem que isso é porque a gente tá procurando um partido no poder, certo? E aí eu vou dizer, vou mostrar que não. Existiam dois partidos, o PDS (*Partido Democrático Social*) e o PMDB. O Ciro, por uma questão municipal, embora militasse aqui no PMDB, na época, foi obrigado... Um negócio de sublegenda, papai apresentou um candidato lá a prefeito, e o Ciro foi então obrigado a se filiar ao PDS. Então, nessa época, eu não tinha título ainda. Foi essa candidatura do Ciro, a deputado, que ele ficou na suplência,

na segunda suplência. Quando ele assumiu, ele rompeu com o governador Gonzaga Mota (*governador do Ceará de 1983 a 1986*), e foi para o PMDB. Aí foi oposição. E foi o primeiro partido ao qual eu me filiei. Portanto, me filiei a um partido de oposição, está certo?

Na seqüência, em um movimento nacional, na Constituinte, nós, muitos em vários estados, saímos do PMDB para ir para o PSDB, que também ia para a oposição. Aqui, em nível de Estado não, porque a gente era aliado com o Tasso – fomos desde a primeira hora –, mas em nível nacional fomos para um partido de oposição, que depois acabou se elegendo, com a eleição do Fernando Henrique. Com 6 meses, sei lá, de governo Fernando Henrique, nós saímos do PSDB para a oposição ao governo Fernando Henrique. Fomos 7 anos oposição ao governo do Fernando Henrique. Isso no PPS, então foi o terceiro partido. E, no PPS, aí houve um problema em nível nacional, porque ele queria ir para a oposição ao Lula, o Roberto Freire, e a gente não, achava que o Lula era o caminho certo e, então, ele praticamente expulsou a gente do PPS, destituiu. Eu era presidente do PPS aqui, ele destituiu o diretório, e aí nos obrigamos a encontrar um outro partido, que tinha sido já uma alternativa quando a gente saiu do PSDB, que foi o PSB. E pronto. Então, de todos, o único que é situação é o PSB. Todos os outros a gente saiu para a oposição, né?

Ítalo – Governador, o senhor hoje integra o Partido Socialista Brasileiro. O senhor se considera um socialista?

Cid Gomes – Nos moldes do que o meu partido defende, sim. Eu não sou comunista, nunca fui, nunca fui. Eu me defino como social-democrata, certo? Eu acredito na iniciativa privada, acho que a iniciativa privada gerencia melhor a economia. Agora acho que – principalmente para a gente aqui em um país em desenvolvimento como o Brasil – precisa de

“Não há hipótese é de o Ciro estar num partido e eu noutro (...) No dia que ficar obrigado, ficar incompatível a nossa presença num mesmo partido, eu saio da política...”

Durante os carnavais em Sobral, Cid pertencia a um grupo denominado “Los Muchos Locos”

Contam os amigos que, em uma das micaretas de Sobral, Cid teria subido no trio e tocado percussão junto com a banda Babado Novo.

Hoje, uma das bandas nacionais preferidas do governador é a baiana Babado Novo. Mas, na adolescência, Cid gostava mesmo era de um bom rock.

Quando vai a Sobral, o governador não deixa de passar pela fazenda da família na Serra da Meruoca.

Cid sobre Ivo durante Governo Itinerante em Sobral: "As pessoas sabem o que ele significa para mim em segurança e tranquilidade".

Ainda durante o Governo Itinerante em Sobral, Cid afirmou: "Meu governo é o que mais vai investir em 4 anos, em toda a história do Estado".

um Estado forte. Um estado que tenha condição de reduzir as desigualdades, que medie aí os conflitos entre capital e trabalho, que é uma definição, assim, resumida de social democracia. E o PSB, Partido Socialista Brasileiro, está na base dele: "Democracia e Liberdade", que são dois conceitos que o Partido Comunista, ou o comunismo, não tem como mais fortes, né? Não estou falando mal do comunismo, não, mas é que o comunismo é a ditadura do proletariado, o comunismo são os meios de produção na mão do Estado, né? E o PSB defende uma sociedade equilibrada, socialista no sentido de equitativa, de pouca injustiça, ou pouca desigualdade social, mas com democracia e liberdade, assegurando que as pessoas é que vão escolher.

Anchieta – Governador, como a gente mencionou no começo, em Sobral, as pessoas falam: "Ah! Sobral era uma antes de Cid e outra depois." E o senhor fez muitas obras, muita coisa lá. No centro, por exemplo, construiu praças, reformou o centro histórico - o centro está muito bonito. Na periferia, o senhor asfaltou, fez calçamento, postos de saúde, escola...

Cid Gomes – ...Casa, escola...

Anchieta – ...Mas a gente...

Cid Gomes – ...Saneamento básico, creche...

Anchieta – ...Isso. A gente foi a Sobral e andou tanto no centro como na periferia e percebeu que muito da beleza da cidade fica concentrada no centro. Esse modelo de gestão (de embelezar uma área em detrimento de outras) não seria uma forma de exclusão social?

Cid Gomes – Eu lhe digo com toda tranquilidade da alma que o grosso dos investimentos lá em Sobral foram (*feitos*) na área social. Em saneamento básico, em habitação, em construção de uma rede pública de educação de qualidade – certamente não é um padrão inglês –, mas eu digo isso em relação ao passado, avançou 1.000% (*em educação*). Em saúde, nós praticamente

implantamos um sistema público de saúde que tá muito longe de ser o ideal, mas não existia nada literalmente (*antes do governo Cid*). Então, eu lhe asseguro que os investimentos foram maciçamente para as camadas sociais mais pobres.

Por outro lado, você tem que ver também o seguinte: toda cidade tem que ter uma identidade, e isso faz parte da auto-estima das pessoas. Então, o fato, por exemplo, de Sobral ter sido a cidade que serviu de palco para a comprovação da Teoria da Relatividade, né? (*A Teoria da Relatividade foi publicada pelo cientista Albert Einstein em 1905 e revolucionou a Física, ao considerar os conceitos de tempo e espaço como um só, formado por quatro dimensões. Mas a Teoria só foi comprovada em 1919, por um grupo de cientistas ingleses que observava um eclipse solar na cidade de Sobral*). O local (*da comprovação da Teoria*) foi lá no centro, então a gente fez um investimento lá num museu.

Tinha (*também*) um prédio muito bonito no centro que foi, durante muito tempo, sinônimo do preconceito social e racial. Era um clube lá de gente rica que barrava, que tem história que barrou negro. Esse prédio foi reformado e se transformou no Centro de Línguas e Informática, (*com*) laboratórios para estudantes da escola pública.

Sobral foi fundada, o local foi escolhido por conta da margem do rio e, historicamente, isso aconteceu em Fortaleza, acontece em praticamente todas as cidades do interior – na inexistência de (*uma rede de*) esgoto – os rios, os cursos d'água viravam esgoto. Então, as casas davam as costas pro rio, porque o rio era pra onde ia o esgoto. Fiz uma urbanização, que quer dizer resgatar a origem da cidade.

O centro histórico, a gente, com muita luta popular, conseguiu tombar e foi feito um esforço, vem sendo feito um esforço para recuperar, porque isso significa também dar oportunidade para as pessoas. Na medida em que você tem turismo, na medida em que você tem uma economia mais viva, você gera mais emprego para as pessoas mais pobres.

Então, eu tenho absoluta tranquilidade com relação a isso. Os meus opositores tentavam criar essa coisa, que eu investia muito no centro e tal, mas isso não é verdade. Se você for ver, seguramente, o grande volume de investimentos está na periferia. Mas você gasta milhões com saneamento básico, e isso não aparece. Você gasta milhões plantando uma rede de saúde, e isso vira lugar-comum. Você gasta milhões construindo casas populares, e casa popular não é coisa muito bonita de ser vista, né?

"Eu sou engenheiro, mas sou metido a arquiteto. Então, eu tenho sempre uma idéia, eu estou sempre mexendo em projetos, sugerindo projetos..."

No Beco do Cotovelo, centro de Sobral, destaca-se o Café Jaibaras, que expõe na parede quadros com fotos dos membros políticos da família Ferreira Gomes.

De acordo com seu Expedito, dono do Café Jaibaras, Cid ainda corta o cabelo e faz a barba no Salão Cometa, no Beco do Cotovelo, quando está em Sobral.

Sobral em toda a história – eu dizia sempre isso também – em toda a história a prefeitura fez 25 casas populares. Em toda a história de Sobral! Eu devo ter feito lá 3 mil.

Educação. As escolas, não sei se vocês foram a alguma escola, as escolas têm uma estrutura física boa, melhor do que a média da escola particular. Então, eu tenho absoluta tranquilidade com relação a isso.

Agora, o centro de uma cidade é algo que deve ser cuidado, porque o centro é um ponto de convergência, porque todo mundo vai: o pobre, o rico, quem vem de fora. Então, deve ser bem tratado. E a gente procurou fazer isso também.

Ítalo – O senhor chegava a participar, a dar opinião nos projetos, o senhor...

Cid Gomes – ...Ah, totalmente... Eu faço isso ainda hoje. *(Risos)* Eu sou engenheiro, mas sou metido a arquiteto. Então, eu tenho sempre uma idéia, eu estou sempre mexendo em projetos, sugerindo projetos...

George – Governador, e o senhor até mencionou agora há pouco, a questão da urbanização da margem esquerda do rio Acaraú...

Cid Gomes – Hunrum...

George – ... No dia da inauguração, houve uma chuva muito forte que fez o rio transbordar, inundando a obra, momentos antes da solenidade *(de inauguração)*. Os moradores falam que a água tocou os seus pés e, nesse momento, o senhor chorou. Naquele momento, quem chorou: foi o prefeito ou foi o cidadão sobralense?

Cid Gomes – Eu sinceramente não chorei lá, na hora, no local da obra. Fiquei lá vendo a água subir. Fui andando. Lembro-me bem disso. À noite, fiquei sozinho lá, andando. Assim, a água não era uma água corrente, era tranqüila, então, eu fiquei andando, a água aqui, acima do joelho. Mas não foi lá que eu chorei, não. Eu chorei não foi em função daquilo, da obra. Foi uma besteira, aquilo dali. Aquela obra é feita pra ser molhada, pra ser lavada; melhora a grama, melhora tudo. *(Com aquela obra)* teve um problema numa pequena área de 1 quilômetro e 200 metros, num trecho de 100 metros; houve uma subpressão, *(porque)* foi feito um aterro de areia, a água infiltrou por baixo e pressionou pra cima e uma coisa *(faz sinal com dois dedos indicando pequena quantidade)* de piso industrial rompeu. Mas a gente depois refez, colocou uma laje e mudou o piso. Fizemos uns pisos verdes, para diminuir essa subpressão, de maneira que pode lavar de novo e não terá nenhum problema na obra; a obra foi feita pra isso, pra ser lavada mesmo, porque aquele rio vai ter sempre enchentes.

Eu acho que essa coisa de eu ter chorado foi porque a enchente encheu lá a margem

do rio, mas desabrigou muita gente. E eu estava emocionalmente instável, por conta de toda a tensão, e tinham pessoas, famílias desabrigadas e tal. E, numa reunião, numa reunião em que eu fiz um apelo para as pessoas colaborarem e tal, eu me emocionei, eu chorei. Mas não foi por conta da obra em si não, porque a obra *(ter sido inundada)*, eu repito, não tem nenhum problema não.

Aline – Governador, o senhor afirmou em 2001, em entrevista ao jornal O Povo, que se o atual senador Tasso Jereissati o apoiasse na sucessão estadual de 2002, o senhor aceitaria ser candidato. No entanto, o senhor continuou na prefeitura de Sobral até 2004. Naquele momento, o que é que faltou pro senhor se candidatar? O que impediu?

Cid Gomes – Bom, primeiro, o Tasso não me apoiou. *(Pausa)* E foi essa conversa que a gente já relatou um pouco aqui. Eu achava que aquele momento já requeria algo mais dinâmico, vamos dizer. Que é característica que o doutor Lúcio *(Alcântara, ex-governador do Ceará)* não tem. Ele é uma pessoa mais acomodada e tal, tem esse perfil mais acomodado. Aconteceu. Eu conversei sobre isso com o Ciro, o Ciro era de opinião diferente, achava que a gente devia continuar *(apoiando a candidatura de Lúcio, que foi candidato ao governo do Estado pela primeira vez em 2002)*. Eu me rendi e pronto e apoiei...

Aline – ... Como político, o senhor já se sentia preparado para a eleição?

Cid Gomes – Eu acho que a gente está sempre em processo de formação, né? Eu vou estar menos mal daqui a um ano do que eu estou hoje e isso é natural. Certamente, amadureci muito em 4 anos, 4 anos depois *(de 2002)*. Agora, isso é um dilema: você amadurece de um lado, mas você, por outro lado, perde um pouco do vigor que a juventude *(tem)* ou da impetuosidade que, em muitos casos, é necessária para que as coisas aconteçam. Então, o ponto de equilíbrio disso é sempre difícil; de ver qual é o meu ponto de equilíbrio. Mas, muitas vezes, eu fico pensando nisso: já tive, tinha, há quatro anos atrás, mais impetuosidade, mais garra do que



Na primeira gestão na prefeitura de Sobral, quando Cid era do Partido Popular Socialista (PPS), havia a inauguração de uma obra todo dia 23, número da legenda do PPS.

Ao assumir a prefeitura de Sobral, Cid acabou com cerca de três mil cargos, numa tentativa de enxugar a máquina administrativa.

A carreira política de Cid foi iniciada com uma candidatura a vice-prefeito de Sobral, numa chapa com o atual deputado federal Padre Zé Linhares.

Itamar Ribeiro, primo do entrevistado e atual vereador de Sobral, diz que Cid era o “menino que ele mais queria bem”.

O entrevistado tinha fama de namorado, mas mantinha relacionamentos firmes. Um dos mais citados pelos amigos foi com Virna Frota, que durou cerca de oito anos.

Cid Gomes foi batizado e recebeu a primeira Eucaristia na Igreja da Sé, em Sobral.

Um dos locais preferidos do entrevistado para ir com os amigos em Sobral é o Bar do Cícero, no centro da cidade. Cid frequenta o bar desde os tempos da juventude.

Num dos carnavais, Cid brincou com os amigos no Bloco do Sujo. O curioso é que todos saíram vestidos de mulher.

tenho hoje. Por outro lado, hoje eu sou uma pessoa mais ponderada do que eu era há quatro anos atrás. Então, o que é de lucro, o que é de prejuízo, é difícil mensurar.

Rafael Ayala – Governador, o senhor disse que sofreu na campanha que o senhor fez pro Lúcio mais do que sofreu fazendo uma campanha pro senhor. O senhor acabou de falar que o Lúcio é uma pessoa mais acomodada e queria algo mais dinâmico em 2002. O senhor fez campanha pro Lúcio (em 2002), e em 2006, foi candidato. O que mudou nesse tempo?

Cid Gomes – O que mudou? Não, pra mim, não mudou nada. O pensamento que eu tinha em 2002 foi o pensamento (de 2006). Não era eu necessariamente (que queria apoiar a candidatura de Lúcio em 2002), está entendendo? Naturalmente, que eu estou na vida pública e, sinceramente, eu quero participar da forma mais ampla possível, né? Isso é um desejo. Eu quero poder contribuir, eu quero poder realizar; é isso que me motiva na vida pública e tinha um sentimento lá (em 2002). Essa predisposição, essas coisas. Eu repito também: candidatura não é exclusivamente a sua disposição de ser (candidato), tem um conjunto de fatores.

Rafael Ayala – O que foi que mudou?

Cid Gomes – Em mim não mudou nada, não, de 2002 para 2006. Eu achava que o ambiente que aconteceu em 2006 já era fértil em 2002, certo? Como é que você consegue saber se o que eu pensava era correto? Nunca ninguém vai conseguir saber. Mas o indicativo, o próprio resultado da eleição (de 2002), uma eleição apertada, dele (Lúcio Alcântara), candidato do governo, com apoio muito forte, de muitos partidos, muito tempo em televisão, ter ganho a eleição por tão pouco, por uma margem tão pequena de votos. Então, era um indicativo que eu penso que já estava presente. Já havia, assim, um desejo de mudança.

Anchieta – O senador Tasso Jereissati instaurou um governo de mudanças. Que foi seguido pelo irmão do senhor, Ciro Gomes, e depois por ele Tasso. O senhor também foi eleito prometendo mudanças, né? O senhor acredita que o seu governo é um governo de continuidade ou de rompimento à era Tasso?

Cid Gomes – Olha, em muitos conceitos é um governo de continuidade, eficiência administrativa, zelo com o recurso público; nesse aspecto é um governo de continuidade; no planejamento de infra-estrutura que foi feito pro Estado, né? Eu não quero jamais ser o responsável por romper isso, até porque acho que foi um planejamento legítimo. Por exemplo, nós estamos tocando obras que hoje demandam um grande volume

de investimento do Estado e que não têm grande visibilidade, porque já foi feita tanta propaganda dessas obras em governos anteriores, embora não estejam concluídas, e talvez nem vá ficar marcado como uma obra minha. Esse Eixão (obra do governo do Estado que deve levar água do açude Castanhão para a Região Metropolitana de Fortaleza e o Vale do Jaguaribe), por exemplo, a gente deve investir nele aí R\$ 500, 600 milhões. Nós estamos fazendo, a obra está em ritmo frenético lá, mas ninguém dá conta disso. Mas é fundamental pra estrutura, infra-estrutura hídrica da região metropolitana.

O Metrofor (metrô de Fortaleza) é uma obra também que começou há 10 anos, 8 anos atrás e que nós estamos tocando com toda disposição de concluir neste governo. Então, a meu juízo, isso é maturidade, e tem projetos do Estado que estão acima da política, de divergências políticas, são projetos estruturantes do Estado.

Agora eu acho que renovo as energias e abro, dou a possibilidade de abrir o governo pra outras forças que estavam afastadas do poder, certo? Então, nesse aspecto é um governo de mudanças, é um governo de inovação. É um governo de abertura.

Ítalo – Na campanha de 2006, tentaram associar o seu nome ao do Tasso. Hoje, na atual conjuntura política, é negativo ou positivo ter o nome associado ao do Tasso?

Cid Gomes – Veja bem, eu tenho um conceito em relação ao Tasso e não vai ser uma atitude oportunista, de querer me vincular (a ele), que vá (me) fazer mudar. Eu acho que o Tasso foi um grande avanço na política do Estado do Ceará, né? Acho que o Tasso foi responsável por um avanço na administração pública do Estado do Ceará. Eu acho que isso é natural, até porque, acho que foi o único governador que foi eleito 3 vezes. Ele realizou muito pelo Estado do Ceará. Então, eu tenho, pessoalmente, uma admiração grande pelo Tasso e, naturalmente, acho que ele tem um estilo. E, em muitos casos, não é um estilo igual ao meu. Acho que o Tasso é uma pessoa mais fechada, e eu procuro fazer um governo mais aberto. Mas isso não diminui a admiração e o reconhecimento que eu tenho por ele.

Isabelle – O senhor há pouco falou de divergência política. O político Cid repete agora no governo do Estado um feito de (a prefeitura de) Sobral, que foi reunir numa base aliada partidos muito divergentes. Que estratégia é essa utilizada pelo político Cid?

Cid Gomes – Bom, é aquilo que eu falei: como eu não tenho um grande talento de oratória, eu procuro compensar isso ouvindo mais, abrindo mais, dialogando

mais, buscando entendimentos. Isso teve presente na administração lá em Sobral, e, no que depender de mim, perdurará aqui na administração do Estado.

Isabelle – Esses partidos realmente são diferentes, destoam tanto assim ou nem tanto? O diálogo resolve?

Cid Gomes – Não, veja, eu acho que muita coisa está em função de aspirações pessoais que são legítimas. Você, por exemplo, prestigiar o parlamento, prestigiar os deputados, isso é coisa que não é difícil. Você não vai romper princípios em fazer isso não.

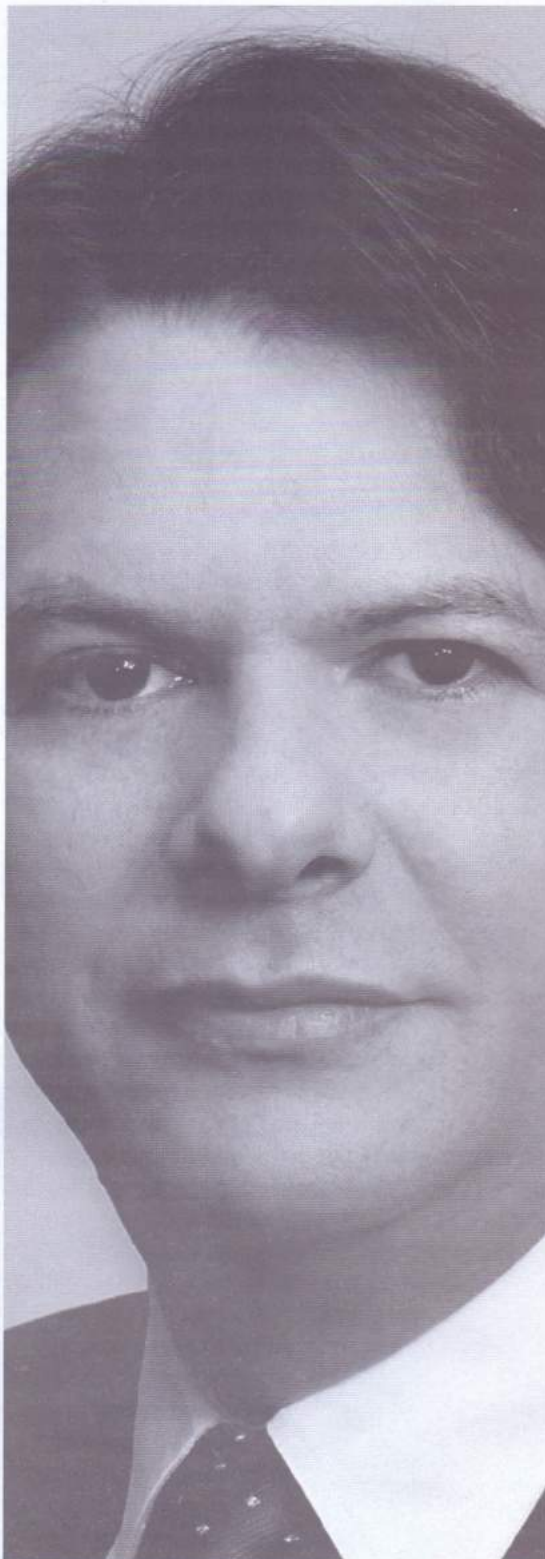
Rafael Ayala – Governador, assim como em Sobral, hoje no governo do Estado o senhor demonstra grande capacidade de diálogo. O senhor acha que essa oposição pequena ou a falta de oposição é prejudicial ao governo, à democracia, em geral?

Cid Gomes – Bom, a oposição, uma oposição construtiva, uma oposição qualificada, é sempre muito bom. Agora, infelizmente, na política, há muito de oportunismo, há muito de oportunismo. Vamos sair do plano estadual e vamos pro plano nacional: qual é a coerência que tem um partido que, quando era governo, estou falando aqui da base de deputados federais, por exemplo, quando era governo defendia a CPMF (*Contribuição Provisória sobre a Movimentação ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira, criado pelo Governo Federal em 1996 com destino para a saúde pública*) e, agora porque é oposição, é contra à CPMF? Qual é a coerência? E isso vale pro PT (*Partido dos Trabalhadores*) também, porque o PT quando era oposição era contra, e agora que é governo é a favor. Oposição é bom, agora não é só o estamento político que faz oposição. A sociedade tem diversos mecanismos, tem a imprensa, tem, enfim, as pessoas, o juízo das pessoas. Então, não é uma coisa de você botar a oposição no altar.

Julianna – Governador, o senhor ainda é bastante jovem, tem 44 anos, a gente quer saber quais são suas aspirações para depois deste mandato?

Cid Gomes – (*suspira*) Bom, eu lhe digo com toda sinceridade da alma - dizem que político não é muito sincero - mas tudo que eu desejo é fazer um bom governo, certo? Tudo que eu desejo... Não há lugar, nem eu acho que seria correto, ter qualquer tipo de aspiração que não seja essa, de fazer um bom governo, tentar confirmar a expectativa que eu sei que é enorme em relação a meu governo. A generosidade das pessoas que me deram a eleição é, acho que ímpar, acho não, é ímpar na história do Estado. Fui o primeiro governador de oposição eleito nos

últimos 40 anos, que eu tenha notícia, acho que fui o único governador de oposição eleito aqui no Ceará. Então, o povo cearense foi extremamente generoso comigo, e eu não tenho direito, sinceramente, de pensar em nenhuma outra aspiração que não seja a de fazer um bom governo. Se eu fizer um bom governo, aí vou poder pensar em outra coisa, mas, até lá, não. Seria, sabe, mesquinha de minha parte qualquer outro projeto.



Cid concluiu o curso Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará em 1987, mas nunca exerceu a profissão.